

Em resposta ao questionamento titular, *“não, mas a comunicação é essencial!”*.

Neste sentido, em meio ao agendamento de atrocidades que se insurge no jornalismo brasileiro – a possibilidade de reeleição presidencial de Jair Bolsonaro, em 2022, à frente – convém buscar, através do fomento expressivo, toda e qualquer notícia que, sendo verídica e apurada, possa consolar-nos de alguma maneira. Nem que seja provisoriamente...

Conforme já foi enfatizado em mais de uma oportunidade, enquanto incentivo quarentenário para que o CoronaVírus não se espalhe ainda mais pelas ruas, diversas plataformas fílmicas estão oferecendo catálogos maravilhosos de produções não tão acessíveis ao grande público.

Um exemplo bastante aplaudível foi a edição virtual da 2ª Mostra de Cinema Egípcio Contemporâneo, através de iniciativa conjunta do Ministério do Turismo (via Secretaria Especial da Cultura) e do Banco do Brasil. Disponibilizada entre os dias 29 de julho e 23 de agosto de 2020, esta Mostra ofertou gratuitamente aos espectadores cerca de uma vintena de filmes que demonstram a autossustentação industrial do cinema egípcio.

Bastante destacado em relação às filmografias árabes, o cinema do Egito possui uma impressionante variedade de gêneros, desde os musicais característicos até os melodramas, comédias, suspenses e documentários. A perspectiva histórica é recorrente nas tramas, bem como os reveses do fundamentalismo islâmico. E vários destes filmes apresentam as crises da juventude num país em reconstrução após uma muito divulgada revolução recente, possibilitada justamente pelas exortações noticiosas advindas das redes sociais...

Cada qual a seu modo, os filmes exibidos nessa Mostra apresentam aspectos diversificados de um País que vai muito além das pirâmides que o consagraram turisticamente. Um dos títulos mais impactantes, inclusive, ressalta a questão da angústia centrípeta comumente direcionada às mulheres, através do sufocamento convivencial de mãe e filha que cuidam de um parente doente. A recomendação obrigatória: descubram o filme *“Saída Para o Sol”* (2012, de Hala Lofty). É uma excelente resposta contemporânea (e feminista) ao realismo social apregoado pelo cineasta mais famoso do Egito, Youssef Chahine [1926-2008].

Outro filme que merece destaque é o documentário *“Eu Tenho uma Foto”* (2017). O ponto de partida é inusitado e assaz interessante: o jovem cineasta Mohamed Zedan analisa uma fotografia das filmagens de um antigo filme egípcio e relembra que, na adolescência, ficara intrigado ao ver um mesmo rosto em várias produções locais, mas não conseguira identificar

seu nome nos créditos. Tratava-se do figurante Motawe Ewis, que participou de centenas de filmes e trabalhou com os diretores mais importantes do país...

Requerendo o auxílio de Kamal El-Homossany, amigo do figurante famoso e satisfeito por ser apenas assistente de diretor em inúmeras produções, o documentarista refaz um percurso sobremaneira nostálgico, que encanta os espectadores cinéfilos. Entretanto, algo não programado acontece: o assistente de diretor deseja efetuar esta mesma função no documentário, sem entender direito quais as “motivações dramáticas” das sequências filmadas. Um ótimo filme-dispositivo advém das relações eventualmente conturbadas entre Mohamed, Motawe e Kamal, portanto!

Dentre as curiosidades mais elogiáveis - e que transcende a própria projeção - temos a alegação de que o neorealismo, em verdade, teria surgido no Egito, numa produção do cineasta Kamal Selim (1912-1946). Porém, são as histórias pessoais de Motawe que fascinam, em seu apelo, referendado pelo documentarista, sobre a necessidade de prestar mais atenção aos figurantes cinematográficos. Prenhe de amor pela Sétima Arte, este filme oferece-nos um catálogo benfazejo sobre uma das filmografias mais ricas da África. Imperdível!

O experimental “O Portão de Partida” (2014, de Karim Hanafy) surpreende pela ousadia na abordagem da depressão. Trata-se de um mergulho intensivo no enfrentamento da dor, a partir das lembranças de outrem. Dedicado à tristeza e ao medo da mãe do cineasta, o filme contamina-nos com este sentimento, e é tecnicamente deslumbrante: a fotografia é sublime, o acompanhamento musical é encantador e os rostos femininos que circundam o protagonista são deveras eloquentes. Ainda que, nalguns aspectos, o resultado geral enfada!

Em mais de um momento, esquecemos que estamos vendo um filme egípcio: o confinamento melancólico e as sobreposições temporais fazem-nos pensar no universo referencial do espanhol Victor Erice, até que algumas canções em árabe são executadas, confortando provisoriamente o langor da mãe e da avó do narrador, que é vigiado por um anjo da guarda. Na tela de abertura, uma profecia: *“tu que sempre estiveste aqui, estarás em qualquer lugar”...*

Ousadia é algo que também comparece em “Caos e Desordem” (2014, de Nadine Khan). Estruturalmente, o filme obedece a uma metodologia rigorosa: para cada dia da semana, um horário específico (em ordem progressiva) e um caminhão destinado à entrega de um

produto diferente. Todo o restante é bagunça – no melhor sentido do termo: o denunciata!

Na periferia de uma metrópole egípcia, situada nas cercanias de um depósito de lixo, esforçamo-nos para identificar os personagens, em meio a tantas cenas de multidão e muito barulho. Pouco a pouco, a história vai se desvendando, como o mais espontâneo dos filmes-painel: há dois grupos em oposição, que agem como pastichos de mafiosos cosmopolitas; há um romance adúltero entre pessoas mais velhas, que temem o escândalo; e há a disputa pelo amor de uma jovem despudorada, que justifica o clímax futebolístico, em pleno domingo à noite, num contexto em que crianças não hesitam em fabricar bombas domésticas a fim de roubarem carne. Na banda sonora, um comentador radiofônico onipresente e canções populares no idioma local, o árabe. E muita, muita algazarra!

A comédia “Não Me Beije” (2017, de Ahmad Amer) opta por um caminho mais controverso, a partir de uma pergunta-chave: o que seria da História do Cinema sem os beijos? Um célebre filme italiano já propôs essa questão, mas ela retorna sob o viés da comédia pastelão, que utiliza de maneira inteligente as referências cinematográficas locais. Em meio às piadas exageradas, há questionamentos importantes sobre o embate entre licenciosidade publicitária e conservadorismo moral.

Na trama, acompanhamos o desespero de um cineasta estreante que esbarra em algo impeditivo: a estrela de seu filme converteu-se subitamente ao rigor islâmico e, como tal, não pode participar de cenas de beijo. Ocorre que a sequência que falta para terminar o filme envolve justamente um enlace sexual, após a impotência inicial do personagem masculino. O roteiro, inclusive, possui uma das mais inusitadas definições da Sétima Arte: *“um filme é como uma faca: pode-se utilizá-lo para matar alguém, mas também serve para descascar cebolas”*. Isso diz muito sobre as intenções subliminares por detrás desta comédia aparentemente rasteira!

Conforme se percebe nesta breve exposição crítica de um vasto catálogo, opções para suportar a quarentena de maneira cultural são abundantes. As boas notícias existem, espalhadas e abafadas pelos mecanismos de transmissão do pânico, que favorecem as posturas ideológicas da extrema-direita. Esta, infelizmente, beneficia-se de falsas acusações e estímulos à paranoia. Nalgum momento, tudo converge para a necessária comunicação entre aqueles que pensam (e agem) de maneira dessemelhante. De nossa parte, o anseio é firme: insha’Allah!